

DISCURSO SOBRE A SERVIDÃO VOLUNTÁRIA

DE ÉTIENNE DE LA BOÉTIE

Prof. Dr. Sebastião Augusto Rabelo

"Não nascemos apenas na posse de nossa liberdade, mas com a incumbência de defendê-la".

(La Boétie)

I INTRODUÇÃO

O *Discurso Sobre a Servidão Voluntária* é o primeiro e um dos mais vibrantes hinos à liberdade escritos até os dias atuais. Toda a obra de Étienne de La Boétie ficou como legado ao filósofo Montaigne (1533 - 1592), seu amigo que, diante de uma primeira publicação - pirata - do Discurso em 1571, viu-se obrigado a se pronunciar a respeito da Obra. Montaigne, com todo o seu inegável brilho intelectual, era um Homem do Estado e disso não escapava, talvez por isso e por aquele século ser marcado por forte censura, dentre elas a Contrarreforma da Igreja, a Inquisição, amenizou a forte conotação libertária do discurso, analisando-a como um "mero exercício intelectual".

Entre muitos pontos importantes e relevantes do Discurso em si, ressalta-se:

- O poder que um só homem exerce sobre os outros é ilegítimo.
- A preferência pela República em detrimento da Monarquia.
- As crenças religiosas são frequentemente usadas pelas monarquias para manter o povo sob sujeição e jugo.

Étienne de La Boétie afirma no Discurso, a liberdade e a igualdade de todos os homens na dimensão política.

- Evidencia, pela primeira vez na história, a força da opinião pública.
- Repele todas as formas de demagogia.
- Incursionando pioneiramente pelo que mais tarde ficará conhecido como psicologia de massas, informa da irracionalidade da servidão, desde o título provocativo da obra, indicada como uma espécie de vício, de doença coletiva.

O Discurso, que no século XVI Montaigne considerava difícil prefaciá-lo, hoje, em pleno século XXI, é ainda assustadoramente atual. Manuel J. Gomes, importante tradutor de La Boétie para o português, preceitua:

Se em 1600 era tarefa difícil escrever um prefácio a La Boétie, hoje não é mais fácil. Hoje como nos tempos de La Boétie e Montaigne, a alienação é demasiado doce (como um refrigerante) e a liberdade demasiado amarga, porque está demasiado próxima da solidão. E da loucura.

O ser humano produz as amarras da servidão e o autossufrimento através dos tempos. Os termos solidão e loucura ligados à liberdade se tornam pertinentes, uma vez que ser livre impõe o rompimento das estruturas e mudança da situação vigente, chamada de *status quo*, e não é fácil "tomar as rédeas" do próprio destino. Torna-se mais fácil ser conduzido, servir e ser tanguido ao bel prazer do sistema, sendo ele democrático ou ditatorial.

Os dizeres de Marilena Chauí ilustram a aptidão do homem em servir e gerar o próprio sofrimento; na verdade é um pensamento descortinado por La Boétie e que perdura, apenas se muda o cenário, mas as ações parecem se revestir de perenidade: "A tirania não é ato de força ou violência de um homem ou de um bando de homens, mas nasce do desejo de servir e é o povo que gera seu próprio infortúnio, cúmplice dos tiranos" (Marilena Chauí).

2 A SUJEIÇÃO DO SUJEITO

Étienne compreendia que a gênese da desumana opressão exercida pelos poderosos aos menos favorecidos é atemporal e universal. Escrita como um mero panfleto militante, aos 16 ou 18 anos pelo

Pensador francês, enquanto estudante de Direito, esmiuça os porquês que levam a multidão a se permitir escravizar, cega e voluntariamente, a se dispor a servir.

Para La Boétie, são os homens que se sujeitam e se autoescravizam, e mesmo com o livre-arbítrio, podendo escolher entre ser súdito ou ser livre, rejeitam a liberdade e aceitam o jugo, consentem este mal e até o perseguem de forma consciente ou inconsciente. Os fundamentos que explicam como este fenômeno acontece são minuciosamente examinados pelo autor do texto. Étienne esclarece que o tirano obtém seu poder com a conivência do próprio povo subjugado e que a este bastaria decidir não mais servir, recusar-se a sustentá-lo para que se tornasse livre. O discurso aponta as três razões que cristaliza a servidão voluntária.

Ao mergulhar sua abordagem nos mais recônditos esconderijos da servidão, revela-nos como está em nós enraizada a vontade de servir, mesmo existindo, paradoxalmente, na alma humana, elementos produtores da virtude (desde que oriundos da ética que descortina os bons costumes e bons exemplos) e, vale lembrar, que a própria natureza é justa (posto que para ela, nenhum ser humano pode ser mantido em servidão); basta observarmos que os próprios animais prezam a liberdade e se recusam a servir; quando o fazem é por imposição. La Boétie afirma:

"Começamos a domesticar o cavalo, desde o momento em que ele nasce, preparamo-lo para nos servir e não podemos glorificar-nos de que, uma vez domado, ele não morde o freio e não se empina quando o esporeamos, como se (assim parece) quisesse mostrar à natureza e testemunhar por essa forma que serve não de boa vontade, mas por ser obrigado a servir. Que dizer perante isto? Que *até os bois sob o jugo andam gemendo. E na gaiola as aves vão chorando [...]*. Todas as coisas que têm sentimento sentem a dor da sujeição e suspiram pela liberdade; as alimárias, feitas para servirem o homem não são capazes de se habituar à servidão sem protestarem desejos contrários. A que azar, pois, se deverá que o homem, livre por natureza, tenha perdido a memória da sua condição e o desejo de a ela regressar?" (LA BOÉTIE, 2003, p.40/41).

Aponta haver três tipos de tiranos: 1º) os que o obtêm o poder pela força das armas; 2º) aqueles que o herdaram por sucessão da raça; e 3º) os que chegam ao poder por eleição do povo. Os que o obtêm pelo direito da guerra, agem como em terra conquistada; quanto aos reis, nascidos e criados no seio da tirania, consideram os povos a eles submetidos como servos hereditários, têm todo o Reino e seus súditos como extensão de sua herança. Quanto ao eleito pelo povo, não nos enganemos: ao se ver alçado a um posto tão elevado, tão alto - "lisonjeado por um não sei quê que chamam de grandeza" - toma a firme resolução de não abrir mão da rês pública. "Quase sempre considera o poderio que lhe foi confiado pelo povo como se devesse ser transmitido a seus filhos". Para La Boétie, é essa ideia funesta que o faz superar todos os outros tiranos em vícios de todo tipo e até em crueldades.

Para consolidar a nova tirania e aumentar a servidão, afastam toda e qualquer ideia de liberdade presente no espírito do povo. Em resumo, independente de como chegam ao poder, o espírito de quem governa subjugando as massas é quase sempre o mesmo: os conquistadores vêem o povo como uma presa a ser dominada; os sucessores como um rebanho que naturalmente lhes pertence e, por fim, os eleitos tratam-no como bicho a ser domado. O trecho abaixo exemplifica que, independente da forma de governo, a tirania é sempre funesta ao povo:

Assim, para dizer toda a verdade, encontro entre eles alguma diferença, mas não vejo por onde escolher. Sendo diversos os modos de alcançar o poder, a forma de reinar é sempre idêntica. Os eleitos procedem como quem doma touros; os conquistadores como quem se assenhoreia de uma presa a que têm direito; os sucessores como quem lida com escravos naturais" (LA BOÉTIE, 2003, p.42).

La Boétie salienta:

Para que os homens, enquanto neles resta vestígio de homem, se deixem sujeitar, é preciso uma das duas coisas: que sejam forçados ou iludidos. Iludidos, eles também perdem a liberdade; mas, então, menos frequentemente pela sedução de outrem do que por sua própria cegueira.

O povo parece esquecer que possui direitos e que é à base do governo, e essa alienação é tão profunda que se torna quase impossível despertá-lo para a realidade. Serve tão mansamente e de tão bom grado que, ao observá-lo no torpor, cegueira e loucura da servidão, poderia-se dizer não que o povo tenha

perdido totalmente a liberdade, mas que nunca a conheceu verdadeiramente. Étienne enfatiza:

No início serve-se contra a vontade e à força; mais tarde, acostuma-se, e os que vêm depois, nunca tendo conhecido a liberdade, nem mesmo sabendo o que é, servem sem pesar e fazem voluntariamente o que seus pais só haviam feito por imposição. Assim, os homens que nascem sob o jugo, alimentados e criados na servidão, sem olhar mais longe, contentam-se em viver como nasceram; e como não pensam ter outros direitos nem outros bens, além dos que encontraram em sua entrada na vida, consideram como sua condição natural a própria condição de seu nascimento (LA BOÉTIE, 2003, p.43).

Uma forte e talvez primeira razão da servidão voluntária é o costume ou **hábito**. Através dele se ensina a servir e a ser escravizado. A perpetuação dos mesmos acontecimentos e atitudes desagua naquela premissa popular "sempre foi assim". E à medida que o tempo passa, leva o povo não somente a engolir, pacientemente, os germes venenosos que induzem à escravidão, mas até mesmo a desejá-la: "pois por melhor que seja, o natural se perde se não é cultivado, enquanto o hábito sempre nos conforma à sua maneira, apesar de nossas tendências naturais."

Em assim sendo, pode-se nascer servo, como no período de Étienne ou das monarquias antigas e ainda existentes, ou se acomodar e sujeitar-se ao discurso midiático estipulado pelas falsas democracias atuais. Dessa sujeição decorre naturalmente a segunda razão da servidão voluntária: a Covardia! Sob a tirania (mesmo que disfarçada), inevitavelmente os homens se acovardam e se escravizam. La Boétie preconiza:

Os escravos não têm ardor nem constância no combate. Só vão a ele como que obrigados, por assim dizer, embotados, livrando-se de um dever com dificuldade: não sentem queimar em seu coração o fogo sagrado da liberdade, que faz enfrentar todos os perigos e desejar uma bela e gloriosa morte que nos honra para sempre, junto aos nossos semelhantes. Entre os homens livres, ao contrário, é a discussão, polêmica, cada qual melhor, todos por um e cada um por todos: sabem que colherão uma parte igual no infortúnio da derrota ou na felicidade da vitória; mas os escravos, inteiramente sem coragem e vivacidade, têm o coração baixo e mole, e são incapazes de qualquer grande ação. Disso bem sabem os tiranos; assim, fazem todo o possível para torná-los sempre mais fracos e covardes. Artimanha dos tiranos: bestializar seus súditos! (LA BOÉTIE, 2003, p.43/44).

O poder seja de qualquer época, sempre disponibiliza instrumentos poderosos de alienação popular. A máxima do *pão e circo* sempre se revigora. À proporção que a sociedade parece evoluir, sofisticam-se os mecanismos para a manipulação da vontade, comportamento e colaboração voluntária ao sistema governamental. Basta observar que a globalização e a Internet muito mais escravizam e servem ao poder constituído, do que comunicam para a liberdade e iluminam verdadeiramente as consciências. O povo não percebe que o poder, através dos tempos, camufla-se de forma camaleônica em mantenedor da tirania, a fim de adormecê-lo. E para transformá-lo em súdito da escravidão, disponibilizam-se todo e qualquer meio de entretenimento: drogas, shows, prostituição, jogos, carnaval; enfim, toda sorte de apelos para o entorpecimento da mente. Torna-se fácil manipular e não há necessidade de se criar mecanismos mais inteligentes para precaver-se contra o povo ignorante e miserável, fácil e bestialmente entretido e domesticado com tolices vãs. A citação abaixo, assustadoramente nos remete à constatação de que as semelhanças do discurso do século XVI aos nossos dias não é mera coincidência:

Os tiranos romanos foram longe (na política do pão e circo), festejando frequentemente os homens das decúrias (homens do povo, agrupados de dez em dez, e alimentados às custas do tesouro público), empanturrando essa gente embrutecida e adulando-a por onde é mais fácil de prender, pelo prazer da boca. Por isso, o mais instruído dentre eles não teria largado sua tigela de sopa para recobrar a liberdade da República de Platão. Os tiranos distribuíam amplamente o quarto de trigo, o sesteiro de vinho, o sestércio (bolsa-família romana); e então dava pena ouvir gritar: Viva o Rei! Os brancos não percebiam que, recebendo tudo isso, apenas recobravam uma parte de seu próprio bem, e que o tirano não teria podido dar-lhes a própria porção que recobravam se antes não a tivesse tirado deles mesmos. O que hoje apanhava o sestércio, o que se empanturrava no festim público abençoando Tibério e Nero por sua liberalidade, no dia seguinte, ao ser obrigado a abandonar seus bens à cobiça, seus filhos à luxúria, sua própria condição à crueldade desses magníficos imperadores ficavam mudos como uma pedra e imóvel como um tronco (LA BOÉTIE, 2003, p.52-53).

Torna-se mister ressaltar que uma nação possui história, memória e tradição. E está enraizado na tradição brasileira o orgulho de ser um povo pacífico. Entretanto, a violência atinge índices alarmantes, principalmente entre os jovens. Desta forma, a aptidão para a paz não pode ser confundida com a *mansidão*. Sob pena de nossa sociedade incorporar a subserviência, ser facilmente iludida e enfeitiçada; e transformar-se em uma massa de ignorantes! Percebe-se hoje um paradoxo, pois a violência é efeito (e não causa) da *servidão voluntária*.

Reportamo-nos sobre a terceira *razão* da servidão voluntária, a **Participação na Tirania**. La Boétie aponta quem são os interesseiros que se deixam seduzir pelo esplendor dos tesouros públicos sob a guarda do tirano, os que, em conluio, garantem e asseguram seu poder:

são sempre quatro ou cinco homens que o apoiam e que para ele sujeitam o país inteiro. Sempre foi assim: cinco ou seis obtiveram o ouvido do tirano e por si mesmos dele se aproximaram ou então, foram chamados para serem os cúmplices de suas crueldades, os companheiros de seus prazeres, os complacentes para com suas volúpias sujas e os sócios de suas rapinas. Tão bem esses seis domam seu chefe que este se torna mau para com a sociedade, não só com suas próprias maldades, mas também com as deles. Esses seis têm seiscentos que debaixo deles domam e corrompem, como corromperam o tirano. Esses seiscentos mantêm sob sua dependência seis mil, que dignificam, aos quais fazem dar o governo das províncias ou o manejo dos dinheiros públicos, para que favoreçam sua *avareza* e crueldade, que as mantenham ou as exerçam no momento oportuno e, aliás, façam tanto mal que só possam se manter sob sua própria tutela e instar-se das leis e de suas penas através de sua proteção. Grande é a série que vem depois deles. E quem quiser seguir o rastro não verá os seis mil mas cem mil, milhões que por essa via se agarram ao tirano, formando uma corrente ininterrupta que sobe até ele. Daí procedia o aumento do poder do senado sob Júlio César, o estabelecimento de novas funções, a escolha para os cargos - não para reorganizar a justiça, mas sim para dar novos sustentáculos à tirania. Em suma, pelos ganhos e parcelas de ganhos que se obtêm com os tiranos chega-se ao ponto em que, afinal, aqueles a quem a tirania é proveitosa são em número quase tão grande quanto aqueles para quem a liberdade seria útil. Que condição é mais miserável que a de viver assim, nada tendo de seu e recebendo de um outro sua satisfação, sua liberdade, seu corpo e sua vida! Mas eles querem servir para amealhar bens. O que torna um amigo seguro do outro é o conhecimento de sua integridade. Entre os maus, quando se juntam, há uma conspiração, não uma sociedade; Eles não se entre-apoiam mas se entre-temem. São cúmplices. (LA BOÉTIE, 2003, p. 57/58).

Justifica-se a longa citação pelo seu teor de atualidade, quer dizer, todo sistema de poder aglutina-se em torno de uma rede de servidão. Se o seu princípio se sustentar na tirania, tornar-se-á frágil por natureza, de onde, a todo instante assomam-se os escândalos, pois o tirano não tem amigos, não ama nem é amado. Na ilusão de que estamos livres, fundamentam-se os três caminhos que nos levam à servidão (**hábito, covardia e participação**). Não estamos verdadeiramente livres, mas podemos conquistar a justiça que liberta. Posto que se a *servidão voluntária* é inerente ao ser, a citação de Aristóteles traz esperança: "A *Justiça* (também) é um hábito que nunca morre".

3 HISTÓRICO BIOGRÁFICO

Étienne de LA BOÉTIE nasceu em 1530, no Perigord, França, e faleceu, jovem, 1563, aos 33 anos, portanto. Foi um humanista e filósofo francês, contemporâneo e amigo de Michel de Montaigne (este que em seu ensaio "Sobre a Amizade" faz uma homenagem a La Boétie).

Étienne traduziu Xenofonte (que viveu por volta de 430-355 a.C, foi soldado, mercenário e discípulo de Sócrates, e é conhecido pelos seus escritos sobre a história do seu próprio tempo e pelos seus discursos de Sócrates). Vale ressaltar que no século XVI, período em que viveu Etienne, ocorreu "A Renascença", que objetivava resgatar as culturas grega e romana, consideradas o berço da civilização ocidental.

Etienne traduziu também Plutarco (filósofo e prosador grego do período greco-romano e que estudou na Academia de Atenas, fundada por Platão; sua ética baseia-se na convicção de que, para alcançar a felicidade e a paz, é preciso controlar os impulsos das paixões. Plutarco também escreveu sobre Platão, sobre

os estóicos e os epicuristas e estudou a inteligência dos animais comparando-a à dos humanos. É dele um pequeno e denso ensaio, onde expõe a habilidade no uso da astúcia com ética, *Como tirar proveito do inimigo*).

Lembrando que as traduções de obras clássicas greco-romanas eram comuns entre os *studia humanitates*, mas o principal escrito de La Boétie e a sua obra mais famosa é o *Discurso da Servidão Voluntária*. Já no título aparece a **contradição** (diz-se que há **contradição** quando se afirma e se nega simultaneamente algo sobre a mesma coisa. O princípio da contradição informa que duas proposições contraditórias não podem ser ambas falsas ou ambas verdadeiras ao mesmo tempo. Existe relação de simetria, não podem ter o mesmo valor de verdade), do termo servidão **voluntária** (em filosofia, **voluntarismo** é a tese que podemos adotar crenças e outras atitudes preposicionais de acordo com nossa vontade. Em outras palavras, é a tese que acreditamos porque queremos), pois, como se pode servir de forma voluntária, isto é, sacrificando a própria liberdade de espontânea vontade? Dentro desta temática, a obra essencialmente é um questionamento acerca das possíveis causas que levariam os povos a se submeterem à vontade de um tirano (**tiranía** é uma forma de governo usada em situações excepcionais na Grécia em alternativa à democracia. Nela o chefe governava com poder ilimitado, embora sem perder de vista que devia representar a vontade do povo. Hoje, entre sociedades democráticas ocidentais, o termo "tiranía" tem conotação negativa. Algumas raízes históricas disto, entretanto, podem estar no fato de os filhos do grande tirano grego Pisístrato (que era adorado pelo povo, pois fez a reforma agrária e dava subsídio) terem usufruído do espaço público como se fosse privado, sendo assim, banidos e mortos), o que se mostrará como uma grande interrogação e indignação à opressão. Uma espécie de hino à **liberdade** (**liberdade**, em filosofia, designa de uma maneira "negativa", a ausência de submissão, de servidão e de determinação, isto é, ela qualifica a independência do ser humano. De maneira "positiva", liberdade é a autonomia e a espontaneidade de um sujeito racional. Isto é, ela qualifica e constitui a condição dos comportamentos humanos voluntários). Graças a suas reflexões profundas sobre a condição humana e a liberdade, La Boétie é considerado um precursor do pensamento anarquista.

Torna-se oportuno ressaltar que **Anarquia** significa ausência de coerção e não a ausência de ordem. A noção equivocada de que anarquia é sinónimo de **caos** se popularizou entre o fim do século XIX e o início do século XX, através dos meios de comunicação e de propaganda patronais, mantidos por instituições políticas e religiosas. Nesse período, em razão do grau elevado de organização dos segmentos operários, de fundo libertário, surgiram inúmeras campanhas antianarquistas. Outro equívoco banal é se considerar anarquia como sendo a ausência de laços de solidariedade (indiferença) entre os homens. Isso, segundo teóricos, ocorre em virtude de atos individuais, extremos e isolados de violência serem vinculados a anarquistas ou ao próprio Anarquismo - na maioria das vezes, deliberadamente. À ausência de ordem - ideia externa aos princípios anarquistas -, dá-se o nome de "anomía".

Filósofo de tradição libertária, La Boétie escreveu a obra "*O Discurso da Servidão Voluntária*" no século XVI, depois da derrota do povo francês contra o exército e fiscais do rei, que estabeleceram um novo imposto sobre o sal. Na obra, o autor pergunta-se sobre a possibilidade de cidades inteiras submeterem-se à vontade de um só. *De onde um só tira o poder para controlar todos?* O trecho abaixo ilustra a grande interrogação do discurso de La Boétie:

Mas, oh, bom Deus! O que pode ser isso? Como o denominaremos? Que desgraça é essa? Ou que vício? Ou, antes, que vício infeliz? Ver um número infinito de homens não obedecer, mas servir, não serem governados, mas tirazinados; não terem nem bens, nem pais, nem filhos, nem a própria vida a lhes pertencer! Sofrer as pilhagens, a libertinagem, as crueldades, não de um exército, não de um campo de bárbaros contra o qual tinham de derramar o sangue e a vida futura, mas de um só! Não de um Hércules, nem de um Sansão, mas de um homúnculo e, muitas vezes, o mais covarde e efeminado da nação [...] (La Boétie, 2003, p.33).

CONCLUSÃO

Aprendamos pois, enfim, aprendamos a fazer o bem. Levantemos os olhos para o céu e para nossa honra, para o próprio amor da virtude, dirijamo-nos a Deus todo-poderoso, testemunha de todos os nossos atos e juiz de nossas almas. De minha parte, creio - e acredito não estar enganado - que ele sem dúvida reserva para os tiranos e seus cúmplices um castigo terrível no fundo do inferno, pois nada é mais contrário a Deus, soberanamente justo e bom, que a tirania, e ele reserva lá embaixo, à parte, para os tiranos e seus cúmplices, alguma pena particular (LA BOÉTIE, 2003, p. 65).

Com este parágrafo, Étienne de La Boétie encerra o *Discurso da servidão voluntária*. O autor se refere aos tiranos como equivalente aos reis de sua época, seus auxiliares e súditos. Podemos, sem nenhum esforço, direcionar o texto do filósofo francês aos governantes, seus escalões de correligionários e ao povo dos dias atuais. O trecho acima conclama a ética, pautada no bem comum e no senso de justiça. Há de se rogar aos céus que destine aos carrascos das nações uma pena condizente às suas ações.

Étienne de La Boétie escreveu o "*Discurso sobre a Servidão Voluntária*", partindo de um trecho do poeta grego, Homero, que mostra o herói Ulisses dizendo aos gregos: "Ter vários senhores não é nenhum bem; basta que um só, e não mais, seja o" senhor, e que somente um seja o rei". O autor entende que Ulisses utilizou esta linguagem, através de Homero, possivelmente para apaziguar a revolta do exército. Mas, se tivesse dito: "Ter vários senhores não é nenhum bem" (p.31), teria dado uma grande contribuição à história. La Boétie analisou, com grande profundidade, o problema da tirania e da liberdade, concluindo que o maior bem do cidadão é a liberdade. O livro teve grande repercussão na Europa, foi analisado por Montaigne e, por questões de censura, teve sua publicação na íntegra adiada e sofreu mutilações de traduções, no decorrer dos séculos.

"Um mau encontro", estas são as palavras utilizadas pelo filósofo para designar o momento em que o homem, voltado naturalmente para a liberdade cria um Senhor, faz-se, então, a passagem da liberdade à servidão voluntária. Cita o absurdo inexplicável que uma multidão de homens sirva a um único homem, algumas vezes efeminado ou franzino; há de lembrar-se, aqui, de Hitler, dentre outros. O pensamento de La Boétie já antecipa a dialética de Hegel, quer dizer, as coisas só existem em função do seu contrário, assim contraditoriamente, o tirano só se transforma em tirano por obra dos próprios servos. O poder do tirano não lhe é imanente, mas derivado daqueles que o querem servir, ou melhor, a origem e a sustentação da tirania estão na vontade do servo.

O Discurso toma a questão do poder na sociedade a partir do ponto de vista da base e interroga-se por que os homens, tendo nascidos para a liberdade, investem um senhor que,

não tem o poder de prejudicá-los senão enquanto têm vontade de suportá-lo [...] ver um milhão de homens servir miseravelmente, com o pescoço sob jugo, não obrigados por uma força maior, mas de algum modo (ao que parece) encantados e enfeitiçados pelo nome de um [...] (La Boétie, 2003, p.33).

Doença mortal, ferida incurável é uma vontade de servir uma vez presente no homem: "parece que o amor da liberdade não é tão natural". O autor a chama primeiramente de vício e depois desnaturação.

O tirano, não estando alheio às forças dos costumes para sua manutenção do poder, utiliza-se de estratégias para corromper e seduzir o povo seja por meio da censura e perseguição, pelo pão e circo ou pela religião. Por meio da primeira, o tirano visa sufocar naqueles que olham o presente à luz de um passado e um porvir, qualquer tentativa de exercício da liberdade, portanto, da pluralidade. Por meio do pão e do circo, visa, além de fazer seu poder como imanente a ele mesmo, e não como derivado dos que o servem, também adúlá-los. E pela religião, aparece ao povo como algo misterioso, dir-se-ia como de origem divina, "se esforçam (os tiranos) para acostumar o povo a eles não só por obediência mas também por devoção" (La Boétie, 2003, p.34).

Segundo Claude Lefort, La Boétie rompe com o discurso político cristão, o qual justifica a figura do rei e o seu poder absoluto como decorrentes da vontade divina. Tal concepção de poder justificaria a priori a dominação. Trata-se, no entanto, de indagar *acerca* da origem da dominação no plano das questões mundanas. Nas palavras de Lefort:

La Boétie recusa os signos visíveis da servidão e da dominação, esses signos que sugerem causas naturais, volta o seu leitor em direção do invisível, o nome de Um; mas desse modo exclui, sem que precise dizer, o Um invisível, materializado no Todo-poderoso divino, o Senhor absoluto, do qual, contudo, só a noção bastaria para impedir a ideia de uma servidão voluntária, a ideia de que o homem seja autor de sua sujeição (Lefort. *O nome de Um*, p. 135).

Interessante notar que, uma vez constituída a tirania a partir da própria vontade de servir, La Boétie nos

diz que a não-aceitação da servidão se daria apenas com aquelas cabeças bem pensantes, isto é, daqueles sujeitos apenas à razão:

[...] são esses que, tendo as cabeças, por si mesmos, bem feitas, a poliram com estudo e saber. Estes, mesmo que a liberdade estivesse inteiramente perdida e de toda fora do mundo, a imaginam e a sentem em seu espírito, e ainda a saboreiam; e a servidão não é de seu gosto, por mais que esteja vestida (La Boétie, 2003, p. 35)

Mas, como nos diz o autor, estes são em número resumidíssimo e a censura torna seus pensamentos fantasia singulares, enquanto a maioria absoluta da população sofre de uma doença incurável, o prazer incontrolável e inconsciente de servir.

Mas, dado que os estratagemas do tirano visam apenas à manutenção e o ao reforço de seu poder, há na base da dominação uma rede de desejos de dominação, a pirâmide dos tiranetes. Esta pirâmide, interiormente, significa desejo de servir e, exteriormente, interesse pela dominação. Como diz La Boétie:

São sempre quatro ou cinco que mantêm o tirano; quatro ou cinco que lhe conservam o país inteiro em servidão. Sempre foi assim: cinco ou seis obtiveram o ouvido do tirano e por si mesmos deles se aproximaram; ou então por ele foram chamados para serem os cúmplices de suas crueldades, os companheiros de seus prazeres. Esses seis têm seiscentos que crescem debaixo deles e fazem de seu seiscentos o que os seis fazem do tirano. Esses seiscentos conservam debaixo deles seis mil e esses têm milhões (La Boétie Pág.31-32).

Daí em diante, La Boétie aponta o papel desempenhado pelos seguidores diretos dos tiranos, estes montam uma espécie de pirâmide hierarquizada de dominação na qual o tirano ocupa o topo. O desejo de posse e poder representado por aqueles que sustentam os tronos é oriundo da pretensão em participar do poder do tirano, no entanto, essa estrutura de dominação faz com que todos se tiranizem uns aos outros.

Composta a partir da desconfiança recíproca, essa relação de poder se inverte, paradoxalmente: os que estão no topo da pirâmide são os menos livres de todos, enquanto os que estão na última camada, na base, são os mais livres na medida em que não têm mais a quem oprimir. Desta forma, como todos são tiranos e servos ao mesmo tempo, La Boétie pergunta aos leitores: "Isso é viver? Chama-se a isso viver?". Compreende-se desse modo, que a tirania está intrinsecamente ligada à uma questão educacional, formada por costumes deformados e deformadores, em que o pensamento plural e a comunicação desapareceram.

Segundo Lefort, trata-se para La Boétie de pensar a dimensão social a partir do viés da comunicação, o que desde o início pressupõe uma concepção de sociedade que abarque cada homem como um ser singular na relação com o seu semelhante, o que implica a negação da ilusão do Um, a qual se faz sob a máscara do tirano e a união de todos na figura do Povo. Essa polaridade tirano/ povo encobre a realidade dos homens como Uns e impede a possibilidade de se entreconhecerem e respeitarem suas diferenças. Neste sentido, sob a égide do governo está a figura da dominação e é essa que é interrogada por La Boétie. A separação entre poder e povo constitui uma barreira para a comunicação, colocando dominantes e dominados em níveis de desigualdades extremos.

BIBLIOGRAFIA

LA BOÉTIE, Étienne. *Discurso sobre a Servidão Voluntária*. Tradução: J. Castella JR. e Agnes Cretella. 2." ed. São Paulo. Editora Revista dos Tribunais Ltda.2003.

LEFORT, Claude; "O nome de Um" In: *Discurso da servidão Voluntária*.

CHAUÍ, Marilena. "Amizade, Recusa do Servir" In: *Discurso da servidão Voluntária*.

Os Pensadores. Editora Abril, 1972.